



# A VERDADE E A NÃO- VERDADE EM SUAS DIVERSAS FORMAS DURANTE A HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL DO SER

uma leitura sobre a parte I do  
*Parmênides* de Heidegger

TRUTH AND NON-TRUTH IN THEIR VARIOUS FORMS  
DURING THE ANCIENT AND MEDIEVAL HISTORY OF BEING

a reading on part I of Heidegger's *Parmenides*

**Carlos Eduardo da Silva Possati Campos<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: [carlospossaticampos2@gmail.com](mailto:carlospossaticampos2@gmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5767696027278671>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5468-862X>.

**RESUMO:** Este artigo se propõe a analisar a conceituação prévia da "ἀλήθεια" (verdade para os gregos) e a primeira parte do livro "*Parmênides*" de Martin Heidegger. Foi utilizado o método de análise bibliográfica para fazer a análise dos elementos essenciais ao desenvolvimento do tema. O artigo está dividido em duas seções principais, com cinco subseções na segunda parte. Na primeira parte, é explorada as três facetas do "desencoberto" (tradução adotada por Heidegger para "ἀλήθεια"). Conclui-se que o desencoberto está intrinsecamente ligado ao seu oposto, o encoberto, e só pode ser compreendido em relação a este. Na segunda parte, o foco principal é o encoberto e o desencoberto em suas diversas manifestações ao longo da antiguidade e do medievo ocidental. Esta seção detalha as diferentes maneiras pelas quais a ἀλήθεια e a λήθη (encoberto) se manifestaram entre os gregos e os latinos-romanos.

**Palavras-chaves:** Heidegger. Parmênides. Ἀλήθεια. Verdade. Encobrimento.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the previous conceptualization of "ἀλήθεια" (truth for the Greeks) and the first part of Martin Heidegger's book "*Parmenides*". The bibliographical analysis method was used to analyze the essential elements for the development of the theme. The article is divided into two main sections, with five subsections in the second part. The first part explores the three facets of "the uncovered" (Heidegger's translation for "ἀλήθεια"). The conclusion is that the uncovered is intrinsically linked to its opposite, the undercover, and can only be understood in relation to it. In the second part, the main focus is on the undercover and the uncovered in their various manifestations throughout the Western antiquity and Middle Ages. This section details the different ways in which ἀλήθεια and λήθη (the undercover) manifested themselves among the Greeks and the Latin-Romans.

**Keywords:** Heidegger. Parmenides. Ἀλήθεια. Truth. Covering.

## INTRODUÇÃO

Durante sua vida, Martin Heidegger desenvolveu uma ferrenha crítica a metafísica ocidental. Essa crítica tem como base o tema central da filosofia heideggeriana: o ser. Heidegger sustentava a tese de que desde Platão e, com ele, o nascimento da metafísica<sup>2</sup>, a questão fundamental da filosofia, isto é, a questão do ser, havia caído em um esquecimento. Com sua crítica à tradição metafísica desde Platão, Heidegger volta-se aos pré-socráticos. Mais especificamente, aos pensadores originários<sup>3</sup>.

Dentre os pensadores originários<sup>4</sup>, Heidegger, no inverno de 1942/43, ministra aulas-preleções sob o título de *Parmênides e Heráclito*, na Universidade de Friburgo. Tais aulas-preleções foram re-vistas e, por causa do fato de suas aulas se ocuparem exclusivamente com Parmênides, o título foi alterado para *Parmênides*, publicada no vol. 54 da edição completa das obras de Heidegger.

Nestas aulas-preleções, Heidegger, partindo do poema “Doutrinário” de Parmênides, analisa e tenta definir qual é a essência grega da ἀλήθεια, ou seja, da verdade, e, também, da não-verdade. O foco deste artigo nesta obra será a parte I, intitulada “A terceira indicação de uma tradução para a palavra ἀλήθεια: o âmbito de oposição entre ἀλήθεια e λήθη na história do ser”. Neste artigo tentarei expor inicialmente as três indicações dadas pelo filósofo para uma compreensão prévia e parcial da ἀλήθεια e, em um segundo momento, adentrarei propriamente a primeira parte da obra expondo o âmbito de embate entre o desencoberto e o encoberto em suas diversas formas, não só para os gregos, mas também para os latinos-romanos e posteridade.

---

<sup>2</sup> Para Heidegger, a metafísica começa com Platão, pois toda a metafísica ocidental opera com o esquecimento do ser e a ‘entização’ dele. Desta maneira, mesmo que Platão não fale em uma ‘metafísica’, ele acaba por desenvolver temas que cobrem o ser com o semblante de ente. “Dos tempos de Platão e Aristóteles à época contemporânea, [...], a filosofia permanece a mesma, à medida que, perscrutando crescentemente o ente e encobrendo a diferença ontológica, afasta-se do pensamento originário do ser e constrói discursos conceituais e operatórios acerca da totalidade dos entes.” Cf. Abdala, A. A crítica heideggeriana à metafísica. *Eleutheria - Revista do Curso de Filosofia da UFMS*, v. 2, n. 2, p. 08-23.

<sup>3</sup> Pensadores originários são, nas palavras de Emmanuel Carneiro Leão, “[...] tecelões da realidade. Pensam numa copertinência essencial, o real em sua realização.” (2017, p. 8).

<sup>4</sup> Anaximandro de Mileto, Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia.

## 1 TRÊS INDICAÇÕES ACERCA DE TRADUÇÃO E SENTIDO DE ἀλήθεια

O que é a verdade? Esta é a pergunta que Heidegger coloca a si mesmo para pensar. Porém, ele não quer que seja pensada a verdade como ela é concebida hoje. O filósofo, para colocar a questão em voga, está partindo do poema de Parmênides, no qual, em resumo, um jovem é transportado em uma carruagem pelas “jovens filhas do sol”<sup>5</sup> para a habitação da deusa Verdade (Ἀλήθεια), onde ela revelará as vias da pesquisa.

Portanto, não é qualquer verdade que Heidegger quer pensar. Ele propõe pensar a verdade em sentido grego, ou melhor, pensar a verdade em sua essência grega para os antigos pensadores. O filósofo nos diz:

[...] se pudéssemos supor estar informados sobre a essência da verdade, como os gregos a pensavam, e se tomássemos as doutrinas de Platão e Aristóteles sobre a verdade como medida, estaríamos num falso caminho, o qual, de si, jamais conduz para o que os antigos pensadores experimentaram, quando eles deram um nome para o que caracterizamos como “verdade” (Heidegger, 2008, pp. 25-26).

Heidegger diz que não podemos nos enganar achando que já sabemos o que é a ἀλήθεια (a verdade) em sua essência grega usando Aristóteles e Platão como referência. Devemos tentar achar a sua essência na forma mais originária do âmbito da experiência grega.

A ‘verdade’ é geralmente a tradução para a palavra grega antiga ἀλήθεια. A palavra ἀλήθεια por sua vez é composta pelo prefixo ἀ- que desempenha função privativa (de negação) e o radical -λήθεια que possui o sentido de ‘ocultamento’, de algo que está velado, encoberto. Portanto, ἀλήθεια, se traduzido de forma literal, possui o sentido de ‘o desencoberto’, ‘o des-velado’ ou ‘o des-ocultado’. Porém, ainda não possuímos nem mesmo seu sentido parcial apenas traduzindo a palavra desta forma. Apesar de, a partir de agora, começarmos a usar a palavra ‘desencoberto’ para nos referirmos à verdade grega, esta só nos dirá algo realmente grego quando ela nos colocar dentro do modo e âmbito da experiência da cultura grega e dos pensadores originários (Parmênides neste caso) no qual foi pensado e falado a palavra ἀλήθεια. (Heidegger, 2008)

---

<sup>5</sup> Cf. Parmênides; *Da Natureza*; frag. 1 B DK, vv. 6-10; Trad. José T. Santos.

Porém, o que está em jogo na palavra ‘desencobrir’ (forma verbal de ἀλήθεια)? O que ela pode nos oferecer para uma melhor compreensão da ἀλήθεια? Caminhando para a primeira indicação de três indicações que Heidegger faz para uma melhor compreensão do sentido de ‘desencobrimento’, vamos nos ater no des-**encobrimento**. ‘Des-**encobrimento**’ remete para o ‘encobrimento’. Aqui temos uma palavra que está muito mais no âmbito de nossa vivência do que a própria ‘verdade’. Parece mais simples de intuir e imaginar a palavra ‘encobrir’ do que a ‘verdade’. Diz o filósofo que “necessitamos, imediatamente, pedir a ajuda de uma ‘definição’ da verdade, emprestada de algum lugar, para dar uma significação à palavra.” enquanto a ἀλήθεια, como ‘desencobrimento’, “é diferente no seu apelo imediato, mesmo se aqui também, inicialmente, sentimos incerteza em relação ao que é propriamente pensado” (Heidegger, 2008, p. 30).

O encobrimento, como diz o autor acima, sustenta algumas incertezas acerca de como, quem, e o que está encoberto. Porém, não é apenas nossa essa incerteza. Até mesmo dentre os gregos, o encobrimento é indeterminado e até inquestionado. Contudo, conhecemo-lo, como foi dito acima por Heidegger, e ele pode mostrar-se de diversas maneiras: encobrimento, velamento, ocultamento, também nas formas de conservação, confiança, retraimento e mais. Com base nessas informações, já fica mais claro e nítido o âmbito do desencoberto (ἀλήθεια).

Na segunda indicação para o esclarecimento da palavra ‘desencobrimento’, o autor se detém, por outro lado, no ‘**des**-encobrimento’. Aqui aparece um traço fundamental da essência da verdade. Naturalmente que o ‘**des**-’ corresponde aqui ao ‘ἀ-’ privativo da ἀλήθεια e vai levar a entender que o traço fundamental da essência da verdade aparece com a superação, suspensão ou cancelamento do encobrimento (-λήθεια). Dando a palavra a Heidegger: “Na essência da verdade como do des-encobrimento vige uma espécie de luta com o encobrimento e com o retraimento.” (Heidegger, 2008, p. 30)

Portanto, até agora, possuímos duas indicações acerca da palavra grega para a verdade, o ‘desencobrimento’ (forma verbal de ‘desencoberto’, ἀλήθεια). Primeiramente, a indicação de que ‘des-**encobrimento**’ nos remete para o ‘encobrimento’. Esta indicação aponta para uma relação fundamental entre ‘desencobrimento’ e ‘encobrimento’, onde aquele só se dá em referência a este. E, secundamente, a indicação ‘**des**-encobrimento’

remete para a negação do encobrimento. Nesta última, aparece o traço conflitante fundamental da verdade para os gregos.

As duas indicações anteriores contribuem para uma terceira indicação, na qual se diz sobre o ‘*desencobrimento*’. Por causa de sua essência conflitante, pode indicar agora que a verdade está em relações opostas (Heidegger, 2008). Diz o filósofo:

Daí, torna-se claro que jamais poderemos pensar “verdadeiro” e “falso”, “verdade” e “falsidade”, em sua essência, de modo separado e, ainda menos, tendo a verdade como “desencobrimento”, pois, aqui, a relação de oposição para o encobrimento é manifesta imediatamente no nome (Heidegger, 2008, p. 39).

Sendo da essência do ‘desencobrimento’ o âmbito de embate com o ‘encobrimento’, e tendo em mente que usualmente a não-verdade é tomada no sentido de falsidade, temos que a verdade está em um constante conflito com a falsidade. Temos aqui algo que é de nosso íntimo. Todos temos, como opostos, a verdade e o falso. Contudo, não podemos projetar aqui nestes conceitos aquilo que nós percebemos como verdade ou falsidade. Por verdade ser tida como desencoberto em sua essência, o falso deve manter seu sentido antigo de encobrimento.

## 2 DESENCOBRIMENTO E ENCOBRIMENTO NA HISTÓRIA DO SER OCIDENTAL

A parte anterior começou pela pergunta: ‘o que é a verdade em sua essência grega?’ que nos fez partir para uma análise prévia do ‘desencobrimento’ (ἀλήθεια) que acabou por revelar três indicações de seu significado: (i) que o ‘desencobrimento’ está intimamente relacionado com o encobrimento, sendo aquele só possível no âmbito deste; (ii) que o ‘desencobrimento’ possui um sentido de negação do encobrimento, de embate com o velamento, ou de superação deste; e por último (iii) que o ‘desencobrimento’, remetendo às duas últimas indicações, está em relações opostas com o encobrimento.

Fica evidente nessas três indicações que um traço fundamental do ‘desencobrimento’ (do desencoberto, ἀλήθεια) é o de conflito. O conflito aqui é entre o encobrimento e o desencobrimento. E, por causa do conflito ser um traço fundamental do desencobrimento,

aparece o trabalho de não só analisar o ‘desencobrimento’, mas também o ‘encobrimento’. Heidegger vai explicar não só que “[...]o desencobrimento (ἀλήθεια), ele mesmo, só pode ser apreendido adequadamente a partir de sua essência contrária [*Gegenwesen*], a não-verdade, aqui no sentido de falsidade [...]” como também “Se desencobrimento dá à essência da verdade o seu caráter, então necessitamos tentar compreender a falsidade como um encobrimento” (Heidegger, 2008, p. 39).

## 2.1 O verdadeiro (τὸ ἀληθές) e o falso (τὸ ψεῦδος): a essência grega do falso

Como dito acima, para entender a essência grega do ‘desencobrimento’, devemos também entender sua forma oposta, o ‘encobrimento’. Desta forma, sendo o ‘desencobrimento’ uma indicação para a ἀλήθεια (a verdade), deve ser feita a perguntar: qual a palavra para a essência contrária da verdade (ἀλήθεια)?

Heidegger aponta para um problema interessante da essência contrária da ἀλήθεια. Na palavra grega para a verdade, a ἀλήθεια, se se retirar o ‘ἀ-’ privativo que possui sentido de negação, somos levados para a essência contrária da verdade, a λήθη (o encoberto). Porém, tendo como o oposto da verdade a falsidade -oposição conhecida e predominante ainda hoje para nós na nossa linguagem- o encobrimento (λήθη) não é encontrado em lugar algum nos gregos. Antes disso, é encontrada a palavra ‘ψεῦδος’, a palavra que designa propriamente o falso para os gregos. Além disso, na palavra ‘ψεῦδος’ (o falso) não há nada de ‘λήθη’ (o encoberto). O encobrimento é expresso na raiz ‘ληθ’, e essa raiz não aparece expressamente no ‘ψεῦδος’. Ou seja, essa palavra tem toda uma outra origem e significação fundamental para os gregos (Heidegger, 2008).

A palavra contrária [*Gegenwort*] para “desencoberto” (verdadeiro), ἀληθές, soa de modo completamente diverso: ψεῦδος. Traduzimos τὸ ψεῦδος por “o falso”, sem saber exatamente o que significa “falso” aqui, e como terá que ser pensado - antes de tudo no sentido grego. Em todo o caso parece que podemos, finalmente, considerar que a palavra contrária à ἀληθές não é o que pareceria ser, o mais próximo, ληθές ou λαθές, ou alguma outra palavra de sentido similar, mas sim ψεῦδος (Heidegger, 2008, p. 41).

Então é encontrado ‘o falso’ (ψεῦδος) para a essência contrária da verdade (ἀληθές) em vez do esperado ‘encoberto’ (λήθη). Ela, aparentemente, não se liga à verdade (ἀληθές)

como faz o encoberto (λήθη) por meio da explícita aparição com a retirada do ‘ᾱ-’ privativo. Porém, quando vamos atrás da palavra contrária a falsidade, ou seja, a ‘ᾱ-ψεῦδος’ temos o ‘não-falso’, que é exatamente a verdade. Um exemplo desta relação ‘não-falso’ e ‘verdade’ é no livro Σ (18) da *Ilíada* de Homero. Nele é relatado o lamento de Aquiles e sua mãe Tétis para com seu amigo Pátroclo que foi morto em combate por Heitor, chefe dos troianos. Junto de Tétis, lamentam também as Nereidas, as deusas dos fluxos do mar. Entre elas, é mencionado no Σ, 46, ‘ἡ Ἀψευδής’, a deusa ‘sem-falsidade’. (Heidegger, 2008)

O falso parece, então, ser para os gregos o contrário da verdade. E assim sendo, ele dá o sentido essencial para o ‘encobrimento’ e para o ‘descobrimento’. O encobrimento, sendo o contrário do desencobrimento, e, como agora é encontrado o ‘falso’ como contrário à verdade, deve ser determinado a partir do falso. E, em relação ao ‘descobrimento’, sendo o traço fundamental deste estar em relação fundamental com o encobrimento que possui agora o traço fundamental da falsidade, recebe seu sentido através desta.

No entanto, sem esperar, é encontrada a essência contrária do desencobrimento, a verdade, no falso, ψεῦδος, em vez do ‘encoberto’ que nos parecia óbvio. Por que não foi encontrado o ‘encoberto’? Onde estão as palavras com raiz provindas do ‘λαθ’?

Heidegger nos mostra que o problema decorre da forma como são traduzidas estas palavras. A tradução é feita de forma que o essencial da palavra se perde. Isso ocorre com a palavra λανθάνομαι que possui a raiz ‘λαθ’ que aparece na palavra ἀλήθεια. Segundo o dicionário, de acordo com o Heidegger, λανθάνομαι significa ‘esquecer’. Nós conhecemos a palavra esquecer, mas o que quer dizer para os gregos a palavra λανθάνομαι que traduzimos por ‘esquecer’? Heidegger explica:

λανθάνω significa “eu estou oculto”. [...] Aqui temos a palavra contrária procurada para ἀληθές. Λαθόν é o ente que é oculto; [...] Λαθόν diz o que permanece oculto, o que se mantém escondido. Entretanto, λαθόν, o ente que é oculto, não é a palavra contrária para ἀληθές, o “desencoberto” - enquanto na palavra contrária para desencoberto se pensa no falso (Heidegger, 2008, p. 43).

Por mais que λαθόν (estar oculto) não possa ser entendido como oposto à ἀληθές (a verdade) enquanto esta significar o ‘não-falso’, por motivos de λαθόν não ser, pelo menos imediatamente, o falso, por outro lado, a falsidade talvez se mantenha em seu âmbito

fundamental como um tipo de ocultamento. Talvez seja essa a forma em que deva ser entendida o falso. (Heidegger, 2008).

Chegando nessa hipótese, nos aproximamos de uma compreensão mais grega do falso. Porém, Heidegger ainda não chega a explicitá-la. Ele se detém ainda no *λανθάνειν* (o ser oculto) na medida que ele “é essencial para todo aparecer do ente para o homem grego” (Heidegger, 2008, p. 43).

Na *Odisseia* de Homero (Θ [8]), o rapsodo Demódoco, depois do banquete no palácio do rei dos feácios, canta a sorte ruim que caiu sobre os gregos diante de Tróia. Por causa da lembrança desse tempo, Odisseu cobre sua cabeça com o seu casaco (Θ, 93): “Mas então ele (Odisseu) derramou lágrimas, sem que todos os outros o percebessem, Alcino unicamente observou atentamente a tristeza...”<sup>6</sup>. Esta tradução ainda não capta a palavra *ἐλάνθανε* que está presente no verso 93. Heidegger indica ainda uma segunda tradução, de Voss<sup>7</sup>, que inclui a palavra, e fica desta forma: “A todos os demais hóspedes ele escondeu suas lágrimas borbulhantes”.

Porém, Heidegger critica a tradução do *ἐλάνθανε* como ‘ele escondeu’. Para Heidegger, em sua essência grega, a palavra *ἐλάνθανε* significa literalmente ‘ficar oculto’. Então, nesta mesma passagem da *Odisseia*, Homero diz: “Mas, lá, em relação a todos os outros, ele permaneceu velado como quem derrama lágrimas” (Heidegger, 2008, p. 44)

Diante desta indicação de tradução, fica nítido como que para o homem grego, em seu âmbito da experiência, experiencia o ocultamento e como este vige sobre os entes e sobre o comportamento humano com os entes (Heidegger, 2008). E fica claro também, em nossa língua portuguesa, como que a palavra ‘esquecer’ como tradução para *λανθάνομαι* não consegue captar tudo que esta última diz.

Portanto, indo em direção à própria palavra *λανθάνομαι*, esta quer dizer propriamente que:

Eu permaneço encoberto em relação a mim com respeito a algo que de outro modo seria desencoberto para mim. Assim, isso é, então, encoberto, na medida em que eu sou na minha relação para isso. O ente está submerso

<sup>6</sup> “ἔνθ’ ἄλλους μὲν παντὰς ἐλάνθανε δάκρυα λείβον, Αλκίνοος δὲ μιν οἷός ἐπεφράσατ’ ἢ δ’ ἐνόησεν ἥμενος ἄγχ’ αὐτοῦ, [...]” Homero; *Odisseia*; Θ, vv. 93-95

<sup>7</sup> Johann Heinrich Voss (1751-1826) foi um classicista e poeta alemão. Ficou conhecido por suas traduções da *Ilíada* e *Odisseia* para o alemão.

no velamento de tal modo que neste velamento do ente permaneço velado de mim mesmo (Heidegger, 2008, p. 45).

No *λανθάνομαι*, o ser humano está submerso em um encobrimento de algo, e sempre na relação dele com um algo. Este tipo de encobrimento lembra o esquecimento, na medida que, quando o ser humano esquece algo, ele está subtraindo-se de forma não espontânea da relação com o algo. Assim, entrando em um encobrimento de si mesmo para com o algo. A palavra grega que capta justamente esse estado de decaimento do próprio ser humano no esquecimento em relação àquilo que esquece, é a palavra *ἐπιλανθάνομαι*.

A palavra grega aparece como o registro mais íntimo, se analisado em sua essência própria, do âmbito da vivência dos homens gregos em meio aos entes, da experiência do encobrimento vigendo na vida vivida dos gregos, em sua existência própria. Como Heidegger diz: “Daí já intuirmos, então, por que a verdade é experimentada e pensada no sentido do ‘desencobrimento’” (Heidegger, 2008, p. 45).

Mas então, depois desta pequena digressão acerca de duas das formas de encobrimento que vigem na experiência grega (o *λανθάνω* [eu estou oculto] e o *ἐπιλανθάνομαι/λανθάνομαι* [o decaimento do ente em um encobrimento em relação a um ente que, de uma outra forma, estaria desencoberto para mim]), Heidegger volta-se para a questão do falso (*ψεῦδος*), e desta vez, perguntando se a falsidade não deve ser entendida como uma forma do encobrimento. Se a falsidade, mesmo sem possuir a raiz expressa do encobrimento (*λαθ*), não deve ser entendida por este.

Ele já apontava essa desconfiança anteriormente, antes da digressão acerca do *λανθάνω* (eu estou oculto), e agora, apenas a confirma dizendo:

[...] somos confirmados, se considerarmos que o falso e o não-verdadeiro, por exemplo, um juízo incorreto, é uma espécie de não-saber, no qual o “verdadeiro” estado de coisas se retrai de nós, e isso não exatamente do mesmo modo como “esquecer”, mas certamente de um modo correspondente, que os gregos experimentavam a partir do velamento [...] (Heidegger, 2008, p. 46).

Ou seja, o falso deve ser entendido como um traço do ocultamento se ele for compreendido de um tal modo que sua falsidade é vista como um encobrir de algo. Como, por exemplo, quando uma pessoa está conversando com uma outra, e aquela mente acerca

de um tal tópico para esta, dizendo que algo não é, quando, na verdade, é. O ‘mentir’ aqui é entendido como ‘não falar a verdade’, e a partir disto, o mentir, visto como uma forma de encobrimento, é um encobrimento de algo, que neste caso é o encobrimento da verdade.

Portanto, obtém-se durante a análise do falso (ψεῦδος) que este, à primeira vista, pode parecer para os gregos como a forma mais essencial do ‘encobrimento’ contra o ‘desencobrimento’ enquanto verdade. No entanto, parece estranho esta ser a palavra que é encontrada para a essência contrária do desencobrimento, por causa da falta da raiz ‘λαθ’ que indica o encobrimento, âmbito que é esperado como o contrário do desencobrimento. Depois de aprofundar-nos nesta questão, percebe-se que há uma deficiência de palavras de raiz ‘λαθ’ que ocorre em decorrência da forma que são traduzidas. Heidegger traz então as palavras λανθάνειν (estar oculto) e λανθάνομαι/ἐπιλανθάνομαι (o modo de ocultamento do ente em relação a si mesmo e aos outros). O filósofo explica as essências gregas destas palavras e o modo como cada uma vige como uma forma de ‘encobrimento’. E por último, em relação a análise sobre a questão do falso, chega-se à conclusão de que ele deve, mesmo que não possuindo a raiz, ser entendido como um traço do ‘encobrimento’

Desta forma, resta apenas investigar qual o sentido essencial da palavra grega ψεῦδος (o falso). Quando é perguntado qual o sentido de falso, parece de imediato que seu sentido é dado como algo ‘não-genuíno’. Mas também existem outros sentidos comuns como este. O falso pode ser, no caso de uma asserção, uma asserção incorreta, não-verdadeira. Ele pode ser também um discurso falso no sentido de enganoso. Pode ser um homem falso no sentido não ser o homem correto procurado pela polícia. Ou seja, nota-se que o falso possui diversos significados, nem todos remetendo à mesma essência básica. Sendo esta última permanecida encoberta para nós até agora. (Heidegger, 2008)

Heidegger apresenta um outro caso em que o falso possui um significado diverso, mas este pode nos ajudar melhor a entender a essência da falsidade. O caso é o de um pseudônimo. O pseudônimo é, literalmente, um nome falso (ψεῦδής [falso] + ὄνομα [nome]). Mas o pseudônimo não é apenas um nome enganoso. Ele, para Heidegger, é um nome que encobre ao mesmo tempo que deixa aparecer aquilo que é. Um exemplo na história da filosofia é o de Kierkegaard que, em 1843, publicou a obra *Temor e Tremor. Da lírica dialética de Johannis de Silentio*. Pela qual, Kierkegaard através de um pseudônimo (*Johannis de Silentio*) queria dizer algo sobre si mesmo. (Heidegger, 2008)

O caso do pseudônimo ajuda a pensar a essência grega do falso, no sentido que leva a pensar sobre a forma de encobrimento que aparece na palavra ψεῦδος (o falso). O ψεῦδής do pseudônimo não é captado apenas pelo encoberto. Ele é um modo de encobrimento que não só encobre, mas desencobre também. Ele faz aparecer algo deste encobrimento.

Entendido o ψεῦδος nestes termos, o filósofo vai explicar que o significado fundamental deste é o de ‘deslocar’. Ele explica:

Aqui devemos tomar esta palavra no seu sentido literal, que nos é familiar. [...] Des-locar é, antes de tudo, um encobrir no modo de sobrepor. “Deslocamos”, por exemplo, uma porta, que no quarto não deve aparecer, colocando um armário diante dela. [...] O armário colocado diante da porta não somente “se” apresenta diante da porta, ele não somente dissimula a porta encobrindo-a, ocultando a parede que nesse lugar tem uma abertura, ou seja, “colocando na frente” [*zustellt*], mas, antes, o armário pode estar deslocando o sentido que se pretende de não haver simplesmente porta na parede. O armário desloca [*verstellt*] a porta e, sendo colocado diante dela, desfigura [*ientstellt*] o estado “real” da parede (Heidegger, 2008, pp. 55-56).

Ou seja, o deslocar tem o sentido de sobreposição, de uma coisa estar em face da outra e, desta forma, tampando-a. A sobreposição é, então, uma das formas de encobrimento que existem. Além disso, ela possui um sentido de dissimulação e, assim, desfiguração. Fica claro o que isso significa no exemplo do armário na porta que ele dá logo acima. O armário, ao ser colocado na frente da porta, além de se sobrepor em relação a ela deslocando seu sentido, também dissimula desfigurando o próprio ambiente, ‘tirando’ a porta da parede que antes havia ali. Desta forma, desfigurando o sentido real da parede.

Então, entendendo o falso (ψεῦδος) como um modo de encobrimento que encobre distorcendo e dissimulando, mas também desencobre no modo deste desfigurado sobreposto ao que realmente é, deixa claro sua relação com o ἀληθές (o desencobrimento) nesta oposição fundamental grega. A formulação de um tal ψεῦδος que distorce e dissimula enquanto desencobre permite a formação de um ἀψεῦδής, que é um ‘não-dissimulador’ que necessariamente é determinada com referência ao ἀληθές, o desencoberto. (Heidegger, 2008)

E assim, em conclusão, pensa-se a falsidade na sua essência grega. Tivemos um grande avanço com a análise de Heidegger sobre o encobrimento durante esta parte do artigo. É notável que o encobrimento não é apenas aquele tipo provindo da λήθη, no qual

parecia estar preso a forma contrária do desencobrimento. Em realidade, ele mostrou-se mais aberto do que apenas este, comportando diferentes traços do qual ele imanava, como por exemplo, o *λανθάνειν* (estar oculto), o *λανθάνομαι/ἐπιλανθάνομαι* (o encobrir que um ente adentra encobrendo a si em relação a outro ente que se retrai dele que, de outra forma, estaria desencoberto [lembra o esquecimento]), e, o tópico principal desta parte, o falso (*τὸ ψεῦδος*), que Heidegger definiu nos termos de um traço do encobrimento que ao mesmo tempo que encobre desfigurando e dissimulando, desencobre mostrando-se de forma desfigurada.

## 2.2 O verdadeiro (*verum*) e o falso (*falsum*) latino: relações com o grego e a essência latina-romana

Agora que foram pensadas e entendidas o falso na essência grega e o seu lugar dentro da vivência do homem grego como uma forma do encobrimento que vige na experiência desses homens, aparece a questão acerca do que é e o porquê de o ‘falso’ ter tomado parte como oposição central e predominante à *ἀληθές* (verdade). Naturalmente que, para achar respostas para esse problema, Heidegger analisa o que é e de onde vem o ‘falso’.

A palavra “falso” veio [...] do “*falsum*” romano a partir do início da Idade Média cristã. A raiz da palavra romana *falsum* (*fallo*) é “cair” e está relacionada com a palavra grega *σφάλλω*, isto é, levar à queda, fazer cair de modo titubeante. Mas esta palavra grega *σφάλλω* jamais se tornou a genuína palavra contrária, oposta a *ἀληθές* (Heidegger, 2008, p. 65).

Como bem explica Heidegger, o ‘falso’ vem do latim ‘*falsum*’, que por sua vez tem a raiz ‘*fallo*’ que significa ‘cair’. Existe na língua grega uma palavra que se relaciona com esta raiz latina, a palavra ‘*σφάλλω*’ que é ‘cair’, ‘cair titubeando’, ‘fazer cair’. Porém, a palavra *σφάλλω* nunca virou, ou apareceu, como essência contrária ao desencobrimento como acontece na cultura romana. O que acontece na cultura destes, no âmbito próprio da experiência romana, para que fosse elevado o ‘*falsum*’ a tal patamar?

O filósofo vai explicar que o âmbito da experiência romana na qual desenvolveu-se o sentido de ‘*falsum*’ é o do ‘imperial’. ‘Imperial’ é interpretado por Heidegger em seu

sentido original de *Imperium* que é entendido como ‘comando’ e, comando, por sua vez, é por ‘mandamento’. O *imperium* é, então, “o território [*Gebiet*] fundado em comandos [*Gebot*], nos quais os outros são obedientes [*botmässig*]” (Heidegger, 2008, p. 66).

O comando como fundamento essencial da dominação, naturalmente inclui um ‘ser superior’ que, estando num modo de sobre-elevação em relação aos outros, exerce o comando. O ser-superior, que é no modo de sobre-elevação, fica em estado de supervisão daqueles que são ‘inferiores’ a ele. Este ‘supervisionar’ age num modo de ‘estar à espreita’ que funciona como um *modus operandi* do supervisionar do ser-superior. Assim, em caso de algum ‘ser-inferior’ venha a se levantar ao mesmo ou semelhante nível do ‘ser-superior’, este faz com que o outro seja derrubado, levado para baixo, ou seja, ‘*fallere*’ (no particípio: *falsum*). (Heidegger, 2008)

Este levar à ruína (*fallere*) é próprio do âmbito de vivência do ‘imperial’. Ele pode se dar no modo de um ‘tomar’ e ‘subjugar’ direto, ou no modo ‘furtivo’ de dar uma rasteira por detrás, como diz o Heidegger. Assim, ‘levar a ruína’ deve ser entendido agora como subterfúgio. O subterfúgio próprio do imperial é o subterfúgio enganador. Ou seja, aquele que age por truques. O filósofo vai dizer: “O feito, propriamente, ‘grande’ do imperial não reside na guerra e sim no *fallere* do subterfúgio e manipulação para dominação.” (Heidegger, 2008, p. 68). Logo, no levar à ruína como subterfúgio está o ‘enganar’ (*fallere*), e partindo deste, o *falsum* nada mais é do que o que engana de modo “pérfido”; o ‘falso’.

Então assim é entendido o *falsum* em sua essência latina-romana: o que engana de modo ‘pérfido’ dentro da *actio* do subterfúgio que subjuga de modo manipulador no âmbito do ‘imperial’. Mas o que tem a ver o *falsum* com o ψεύδος (o falso grego)? Apenas um elemento de ambos se liga: o enganar. Mas não quer dizer que então pode ser pensado a mesma coisa no *falsum* e no ψεύδος. Após a dominação romana sobre os gregos, os romanos passam a apropriar-se de seus elementos. O ‘falso’ grego foi um deles. Mas apenas o traço do engano foi resguardado, sendo o único a ser pensado quando é dito ‘falso’, sendo completamente esquecida a forma essencial do encobrimento que reinava sob o termo. Não de outra forma, mostrando como que os romanos sempre foram estranhos ao âmbito essencial do encobrimento e desencobrimento que são intrínsecos à ἀλήθεια e o ψεύδος.

Por outro lado, agora que seguimos Heidegger em seu pensamento acerca do *falsum* em sua essência latina, além da verdade e o falso grego, Heidegger parte para a análise do

*verum*, a verdade para os latinos-romanos. Esta é para os latinos tal como a ἀλήθεια é para os gregos, e da mesma forma o *falsum* para os latinos como o ψεῦδος para os gregos. O *verum* e o *falsum* estão em uma relação essencial também tal como a relação essencial ἀλήθεια e ψεῦδος. Mas cada uma em sua significação essencial para os povos que a experienciam.

Na palavra *verum* está presente a raiz ‘ver’ que diz: estar de pé, estar na disposição, não deixar cair (não-*fallere* [percebe-se aqui já a conexão essencial com o *falsum*]), ser a cabeça, comandar, o ereto e etc. (sempre dentro deste sentido de se manter, estar firme, erguido). No português, ela ainda é presente, por exemplo, na palavra ‘severo’. O elemento originário do ‘ver’ é o de fechar, cobrir, resguardar, esconder. Assim como o σφάλλω é uma palavra grega que se relaciona como o *falsum* latino, existe a palavra ἔρυμα que possui relação com o *verum*. Ἐρυμα significa justamente encobrimento, ocultamento. Aqui aparece uma relação curiosa entre essas palavras, pois, enquanto o *falsum* e o ψεῦδος possuem, parcialmente, um mesmo traço (o de enganar), o *verum* diz o oposto da ἀλήθεια.

Heidegger explica que:

Para os romanos, o âmbito do encobrimento e descobrimento simplesmente não vem a ser o âmbito essencial determinante da essência da verdade, embora o “ver” toque esta direção. Sob influência do imperial, *verum* torna-se logo o ser e estar em cima [*Obenbleiben*], indicador para o que é reto; *veritas* é rectitudo (Heidegger, 2008, p. 77).

Para Heidegger, embora o *verum* toque neste âmbito grego do encobrimento e desencobrimento, ele não se desenvolve. O âmbito da experiência vivenciada dos latinos-romanos é o do ‘imperial’. E desta forma, o traço fundamental que aparece do *verum* é o de se manter em cima, estar no topo, comandar, contra o *falsum* (*fallere*) que diz o cair, o derrubar por meio de uma manipulação. (Heidegger, 2008)

Heidegger definiu então a ἀλήθεια e o ψεῦδος, o *verum* e o *falsum*, cada um em seu âmbito essencial. Agora, apenas resta seguir a análise dele acerca da transformação da ἀλήθεια e seu sentido, partindo de Platão e Aristóteles, até o sentido medieval que temos da verdade que é legado para os modernos. Com essa análise, Heidegger quer mostrar não só a transformação do sentido da ἀλήθεια, mas também, a predominância do sentido latino-romano do *verum* sob a ἀλήθεια grega.

Heidegger expõe que desde Platão, mas principalmente com Aristóteles, a ἀλήθεια já começa a sofrer alterações. Porém, alterações naturais. A ἀληθεύειν (forma verbal da ἀλήθεια, ‘a verdade’) é o descobrir. Para que ocorra o descobrimento, o homem deve se ater ao descoberto de forma reveladora e concordante. Esse comportamento de ater-se de forma reveladora em concordância com o descoberto, em Aristóteles, recebe a palavra ἀληθεύειν. O ater-se de forma concordante com o descoberto também possui uma palavra em grego: ὁμοίωσις. Esse ater-se em concordância (ὁμοίωσις) mantém a coisa como ela é. O manter algo como algo é pode ser falado pela palavra ‘οἶσθαι’. O λόγος mesmo, tido como asserção, é constituído no âmbito do οἶσθαι do ἀληθεύειν, que ainda está no âmbito essencial da ἀλήθεια. (Heidegger, 2008)

O ἀληθεύειν, mesmo com as alterações, ainda está no âmbito essencial da ἀλήθεια. Contudo, ao mesmo tempo, “a ὁμοίωσις, isto é, a correspondência concordante, enquanto modo de realização do ἀληθεύειν, exerce como que a ‘representação’ normativa da ἀλήθεια” (Heidegger, 2008, 78). Isto é, a ὁμοίωσις (a correspondência concordante) passa a ser o traço fundamental da ἀλήθεια, aquilo que passa a representar a ἀλήθεια como um todo.

Desta forma, então a *veritas* (*verum*) como *rectitudo*, que possui sua origem em outras fontes, agora é usada, ou, como diz o Heidegger (2008, p. 78), “criada”, para receber o sentido da ἀλήθεια no modo fundamental da ὁμοίωσις. Tanto a ὁμοίωσις quanto a *rectitudo* possuem o mesmo sentido de ‘conformar-se com...’, ‘auto-ajustamento para...’, de assimilação. A assimilação é chamada no latim como *adaequatio*. Assim sendo, na idade média, seguindo o caminho que já havia sido começado pelos romanos, a ἀλήθεια como representação da ὁμοίωσις virou *adaequatio*. A partir deste momento, surge a interpretação da verdade de Aristóteles como adequação que perpassa e chega até Tomás de Aquino com a proposição “*Veritas est adaequatio intellectus et rei*”<sup>8</sup>. E assim continua, diz Heidegger, durante todo período medieval e moderno até Nietzsche.

Na *rectitudo* (o auto-ajustamento para...) reside o ‘tomar algo como aquele algo é’ para os gregos (οἶσθαι). Porém, como explica Heidegger, enquanto o οἶσθαι grego é tomado dentro do âmbito do descobrimento, o ‘tomar algo como algo é’ para os latinos é tomado dentro do âmbito da *ratio*. *Reor* é a palavra que em latim tem o sentido de ‘tomar

---

<sup>8</sup> Cf. LEITE, Thiago Soares. *Tomás de Aquino e o conceito de adaequatio*. 2007. 82 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

algo como algo', que, corresponde à palavra *ratio*. Desse jeito, "A essência da verdade, como da *veritas* e *rectitudo*, passa para a *ratio* do homem" (Heidegger, 2008, p. 79).

Portanto essa é a mudança fundamental que ocorre na essência da ἀλήθεια dos gregos até os modernos. O ἀληθεύειν grego, que é o comportar-se descobridor do desencoberto, torna-se com os latinos, e a apropriação romana-latina da ἀλήθεια no modo da ὁμοίωσις (a correspondência concordante), a *veritas* como *rectitudo*, ou seja, *adaequatio*, no âmbito da *ratio*. Não de outra forma, a *veritas* é tomada como adequação, assimilação da coisa e o intelecto. Assim, Heidegger vai constatar que:

Parece como se a ἀλήθεια tivesse se retraído à história da humanidade ocidental. Parece como se a *veritas* romana, e a verdade que se desenvolve a partir dela como *rectitudo* e *iustitia*, correção e justiça, tivessem ocupado o lugar do âmbito essencial da ἀλήθεια. Não parece somente assim, é assim (HEIDEGGER, 2008, p. 83).

Realmente parece que a verdade está, durante a história ocidental, entendida a partir dos latinos como *veritas adaequatio*. Até os dias atuais é entendida a verdade desta forma dentre os meios da técnica e das ciências naturais. E isso o Heidegger já alertava nestas palestras de 42/43. A *veritas* quando adquire o traço da *adaequatio* no âmbito da *ratio*, se torna cálculo, torna-se assimilação para o que é correto (HEIDEGGER, 2008).

Mas diferentemente do que parece, a consolidação da *veritas* como assimilação (*adaequatio*) não se deu com o apagamento da ἀλήθεια, ou com o seu descarte. A ἀλήθεια é parte constituinte deste movimento de mudança da essência da verdade. Todo ele só pôde ter ocorrido com a reinterpretação dela pelos romanos e assim constituído o resto. Por isso mesmo que, aponta o alemão, sempre interpretamos a ἀλήθεια a partir da *veritas* como *rectitudo* (HEIDEGGER, 2008).

### **2.3 Alguns outros modos de encobrimento para os gregos (ἀπάτη, κεύτω, κρύπτω, καλύπτω, morte e νύξ)**

Com um enfoque maior, nas últimas duas partes do artigo foram vistas tanto a verdade quanto o falso para os gregos e para os latinos. Os gregos, como já vimos, tem a verdade e a falsidade dentro do âmbito do desencobrimento e do encobrimento, e, por

outro lado, os latinos-romanos e, conseqüentemente a posterioridade, possuem a verdade e a falsidade dentro do âmbito do *verum* e do *falsum*, cada um dentro da sua experiência que vige em meio aos entes.

Nesta parte do artigo, mostro como Heidegger tira o foco que estava sobre a verdade e o falso e, voltando-se apenas para os gregos, pensa outras formas de encobrimento que vigem no mundo grego.

Anteriormente, durante a análise heideggeriana acerca da verdade e do falso, outras formas de encobrimento foram pensadas e mencionadas para ajudar na análise principal. Elas foram o *λανθάνειν* (estar oculto) e o *ἐπιλανθάνομαι* (cair num estado de encobrimento em relação a si e ao ente que, de outra maneira, estaria desencoberto para mim), ambos com a raiz ‘*λαθ*’ que indica o encoberto, mais algumas outras palavras mencionadas rapidamente como ‘*ἔρυμα*’ que Heidegger relacionou com o *verum* e que dizia propriamente o ‘encobrimento’, e o ‘*σφάλλειν*’ que o filósofo conectou com o *falsum*, e que tem o sentido de ‘cair’, ‘derrubar’ e, por extensão, o de ‘enganar’ que também é uma forma de vigor do encobrimento.

Agora, Heidegger vai pensar mais diversamente as várias formas do encobrimento para os gregos. Porém, é de interesse chamar a atenção para o fato de que todos, da mesma forma como o *ψεῦδος* (o falso), o *ἔρυμα* e o *σφάλλειν*, não possuem a raiz ‘*λαθ*’, mas indicam o encobrimento como traço fundamental.

Então Heidegger pergunta: “Conheciam, porém, os próprios gregos, além da desfiguração (*ψεῦδος*), ainda outros modos de encobrimento?” (HEIDEGGER, 2008, p. 91)

A primeira forma a ser pensada é a palavra ‘*ἁπάτη*’. Ela também tem o significado corrente de ‘engano’, ‘enganar’, mas, traduzindo de forma literal, a palavra vai dizer: ‘a partir do *πατός*’. O ‘*πατός*’ significa ‘caminho’, ou, como Heidegger diz: “vereda reta” (2008, p. 90).

Assim como o ‘*πατός*’, existe uma outra palavra para ‘caminho’ no grego: ‘*ὁδός*’. Desta palavra, deriva uma outra: ‘*μέθοδος*’. Esta última, na nossa língua, vira a palavra ‘método’. ‘*Μέθοδος*’, diferentemente da nossa palavra ‘método’, quer dizer ‘seguir por um caminho’, ou, mais originariamente, ‘seguir por um caminho em meio aos entes da forma como eles mesmos se mostram a nós’. Como nota-se, diferente do ‘método’ como um meio da técnica da qual usamos para dominar um ente.

O caminho grego (ὁδός) não está falando de um caminho no sentido de sair de um ponto e ir até outro. O Heidegger fala:

“Caminho” não é o segmento no sentido de uma distância e intervalo entre dois pontos e, dessa maneira, propriamente uma multiplicidade de pontos. A essência prospectiva e perspectiva do caminho, o qual, ele mesmo, conduz para o desencoberto e, ao mesmo tempo, a essência do curso é determinada com base no desencobrimento e num ir reto para o desencoberto (Heidegger, 2008, p. 91).

O caminho é determinado pelo ‘desencobrimento’. Ele vai dizer em sua essência grega: ‘seguir em direção ao desencoberto’.

O ‘ἀπάτη’ como ‘caminho que está ao lado’, ‘aquém do caminho reto’ vem a ser experimentado como um ‘enganar’ - como foi dito acima como forma de tradução corrente do ἀπάτη - pelo ‘desvio’. O ἀπάτη na sua forma literal e originária, é o ‘caminho lateral’. O caminho lateral, por ser um caminho, pode enganar levando quem o está traçando, a achar que está seguindo o caminho reto ao ‘desencoberto’. Além disso, o ‘desvio’ que é presente no caminho do caminho lateral também nos mostra algo que, em realidade, não é desta forma. Ele confunde com o caminho reto. Desta forma o ‘ἀπάτη’ é tido como um engano que distorce, que desfigura. É uma forma do encobrimento que distorce o encoberto (Heidegger, 2008).

Além da ἀπάτη, existem ainda as palavras que Heidegger diz serem usuais, a ‘κεύτω’, ‘κρύπτω’ e ‘καλύπτω’ que significam: cubro, escondo, velo. Todos estes modos do encobrimento estão no âmbito do cotidiano, e não expressam, aparentemente, nada de mais extraordinário e profundo acerca do encobrimento ou de sua essência. Todavia, ainda assim carregam consigo o brilho do encoberto que é da essência da experiência grega.

Novamente, é de interesse chamar a atenção para esta relação do âmbito do encoberto e do desencoberto como cotidiano para os gregos. Um dos objetivos do Heidegger, além de pensar essas formas do encoberto e desencoberto, é mostrar como elas estão intimamente ligadas ao meio da experiência grega com o mundo. Aqui fica manifesto o motivo da dificuldade que nós, posteriores aos gregos, e aquém de seu modo de pensar, temos em pensar o desencoberto e o encoberto na sua forma mais originária e simples. Para nós, é extremamente complexo pensar essas formas de uma maneira na qual elas estão

ligadas completamente ao mundo. Desta forma, elas apenas ficam na abstração e no pensamento puro.

Na *Ilíada*, no livro XXIII, v. 224, é dito ‘ἄϊδι κεύθωμαι’, ou seja, de ser abrigado no Hades. O próprio Hades e a própria terra são tomados como âmbitos do encobrimento. Neste contexto está inserida a morte, e ela também está inserida no encobrimento. Heidegger explica que a morte para os gregos não é vista de um ponto de vista biológico como é vista hoje. Ela é vista a partir de sua relação com o encobrimento. Desta forma, se a morte é vista a partir de tal ponto, o nascimento também. No caso, este é visto do âmbito do desencobrimento.

Depois de ‘κεύτω’, o filósofo fala da palavra ‘κρύπτειν’ que quer dizer a ação de encobrir resguardando. Esta palavra é usada para se referir à νύξ, por exemplo. Aqui, outro âmbito da experiência cotidiana entra em ação. O próprio dia e a noite também são vistos a partir do desencobrimento e encobrimento. Heidegger afirma destes exemplos de vigência do encobrimento e desencobrimento no cotidiano o seguinte:

Assim, nos deparamos com algo surpreendente: os modos do encobrimento, que não têm nada em comum com a dissimulação, desfiguração e engano, perpassam tudo numa vigência essencial, embora eles não sejam explicitamente nomeados enquanto modos de encobrimento (Heidegger, 2008, p. 98).

## 2.4 Mito (μῦθος) e o desencoberto (ἀλήθεια)

O encobrimento e o desencobrimento, como foi dito anteriormente, fazem parte do âmbito mais originário da experiência grega. É a partir destes dois modos da realidade que os gregos estavam inseridos na sua vivência. O nascimento e a morte, a verdade e a falsidade, e até mesmo o dia (οὐρανός) e a noite (νύξ). Para expressar essa parte tão originária e básica da realidade, os gregos usam o ‘mito’.

O mito é a fala autêntica, é a fala de tudo aquilo que irrompe por si, é a fala que diz tudo aquilo “que pode ser dito antes do tudo o mais” (Heidegger, 2008, p. 92). Desta maneira, o μῦθος possui sua essência no desencoberto (ἀλήθεια), então, ele vai dizer aquilo que aparece e desencobre. Além disso, por possuir sua essência no desencobrimento, Heidegger vai afirmar que o mito é essencialmente grego. Ele diz:

Somente onde a essência [*Wesen*] da palavra está fundada na ἀλήθεια, portanto entre os gregos, somente onde a palavra, assim fundada, como fala preeminente sustenta toda a poesia e pensamento, portanto entre os gregos, e somente onde poesia e pensamento são o fundo da relação primordial com o encoberto, portanto entre os gregos, somente lá encontramos o que dá significado ao nome grego μῦθος, o “mito” (Heidegger, 2008, pp. 92-93).

Então, o mito é a palavra grega, e apenas grega, que diz todo o essencial em sua essência, ou seja, ela diz todo o originário de todo o ser. O mito é a expressão do descobrir e encobrir que vige em todo o mundo grego em meio aos entes e no todo do ser. Ele é a fala primordial.

Esta fala primordial não pode ser uma doutrina ou um mandamento. A fala, em sua essência grega, é o meio “de preservação e resguardo revelador do encoberto e descoberto dos entes [...]” (Heidegger, 2008, p.102). Desta forma, o homem recebe sua determinação como τὸ ζῶον λόγον ἔχον<sup>9</sup>. A tradução fica: “[...] o ente que emerge de si mesmo, de um tal modo que neste desabrochar (φύσις), e em favor dele, recebe a palavra.” (Heidegger, 2008, p. 102). O homem é o ente que se relaciona com o todo dos entes pela sua determinação: a fala.

## **2.5A obliteração como encobrimento (λήθη): Hesíodo, Píndaro e Platão**

Anteriormente, durante uma primeira tentativa de encontrar uma palavra que expressa a essência contrária da ἀλήθεια, Heidegger chega na palavra ‘ψεῦδος’. Naturalmente, ‘o falso’ (τὸ ψεῦδος) não era a palavra esperada para o contrário do descoberto. Ela era, antes de tudo, alguma palavra que possuísse a raiz ‘λαθ’, da qual indica diretamente o ‘encoberto’. Mais tarde na análise, o filósofo explicaria o motivo de não acharmos uma palavra que indicasse o encobrimento diretamente: a forma como traduzimos essas palavras.

Ele toma como exemplos as palavras ‘λανθάνεσθαι’ e ‘ἐπιλανθάνεσθαι’ que nas traduções correntes, ficam como ‘esquecimento’. Porém, ‘esquecimento’ não capta a essência do que é dito nestas palavras. Com uma investigação prévia já realizada sob o

---

<sup>9</sup> A tradução corrente seria: Animal possuidor de fala.

‘esquecimento’ que estas palavras indicam parcialmente, o alemão vê este esquecimento como uma forma do encobrimento. No entanto, o que diz esse encobrimento?

Normalmente o esquecimento é visto como algo que ocorre com um sujeito. O sujeito não retém uma tal informação, e desta forma, falamos de esquecimento como a ação de algo que ‘escapa’ ao tal sujeito, por causa de outra coisa. Neste caso, seria um tipo de esquecimento que se dá pela falta de atenção. Por outro lado, existem também aqueles que se dão por distúrbios mentais. Nestes casos, seria a ‘amnésia’. (Heidegger, 2008)

Contudo, como foi dito acima, o esquecimento que atinge o homem não capta a essência da palavra. Pois, como foi explicitado, esquecimento é um desvio de atenção. Quando falamos de um esquecimento do essencial no qual o deixamos de lado, rapidamente o perdemos e o riscamos. Então, olhando para o esquecimento dentro destas significações (perder e riscar) devemos falar de ‘obliteração’. (Heidegger, 2008)

Se pensamos agora na obliteração como um retraimento [*Verborgenheit*], que pertence a um específico ocultamento [*Verbergung*], então nos aproximamos pela primeira vez do que os gregos nomeiam com a palavra λήθη (Heidegger, 2008, p. 108).

Então, a ‘obliteração’ deve receber seu traço fundamental do encobrimento por meio do ‘retraimento’. Desta forma, pode-se chegar mais perto da essência da palavra que é esperada desde o início da investigação, a λήθη.

Para trazer a λήθη ao pensar, o filósofo começa por uma passagem de Hesíodo. Na *Teogonia*, versos 226-227, lemos: ‘Mas a (deusa) Luta, a obscura, pariu o penoso, aquele que traz sofrimento, como também obliteração, ausência e sofrimento, a cheia de lágrimas.’<sup>10</sup> Nestes versos, a Λήθη aparece como uma deusa, filha de Éris, junto da palavra ‘λιμός’ que em tradução corrente é ‘fome’. Porém, o filósofo indica a tradução de ‘λιμός’ por fome como “enganosa” (2008, p. 108). Ele vai afirmar que:

Sem dúvida, a ação de esquecer é “penosa” assim como a “fome” é penosa e torturante. Mas os efeitos do esquecimento e da fome no estado do corpo e da alma, isto é, em termos modernos, o aspecto fisiológico e psicológico ou, numa palavra, os aspectos “biológicos” do esquecimento e da fome não “interessam” aos gregos. Por isso, algo mais é pensado, quando λήθη e λιμός

---

<sup>10</sup> “Αὐτὰρ Ἔρις στρυγερὴ τέκε μὲν Πόνον ἀλγινόνεντα Λήθη τε Λιμός τε καὶ Ἀλγεα δακρθόεντα [...]” Hesíodo; *Teogonia*, vv. 26-27

são nomeados juntos. Não são seus efeitos no homem, e sim sua própria essência que sustenta sua identidade (Heidegger, 2008, p. 108).

Descartando a possibilidade da tradução como algo ‘biológico’, Heidegger surge com uma definição para a λήθη (a obliteração). Ela vai ser um encobrimento que retrai e aliena o homem de si mesmo, e então, de sua própria essência.

Em seguida, ele tenta o mesmo com a ‘λιμός’. Ela, como dito mais acima, não é ‘fome’. A palavra ‘λιμός’ está ligada com a palavra ‘λείπω’ que tem um sentido de ‘deixar desaparecer’ e significa ‘falta de alimento’. A ‘λιμός’ por outro lado, não está ligada à um sentido de ‘desejo/necessidade humano’ (fome, sede, etc), mas sim de uma ‘ausência’. Essa ‘ausência’, como pode parecer, é essencialmente um ‘vir-a-faltar’, é a vigência da ausência, um retraimento. (Heidegger, 2008)

Então, a partir de Hesíodo, Heidegger faz seu primeiro avanço em relação à λήθη. Esta vai receber um sentido de ‘obliteração’, ou seja, um modo do encobrimento que aliena e encobre o homem em relação a si mesmo de forma a fazer com que ele se perca de sua essência. Nestes termos, a obliteração (λήθη) vai receber seu sentido como um esquecimento –sempre lembrando que a tradução como ‘esquecimento’ é rasa e não suporta o peso da significação da λήθη.

Depois da referência à Hesíodo, o filósofo faz outra em relação à Píndaro. Desta vez, trazendo mais esclarecimento para o sentido da ‘λήθη’. A referência está na Ode 7, vv. 43-47 e é dito desta maneira:

Mas o temor dispõe o homem para o desabrochar da essência e a alegria o dispõe para o pensar prévio; mas às vezes lhe sobrevém a nuvem escura do ocultamento, que retém o caminho direito além das ações e as coloca fora do que é a descoberta plena de sentido.” Essa palavra traz a elucidação essencial poética mais bela possível da λήθη<sup>11</sup> (Heidegger, 2008, p. 111).

O contexto desta Ode se baseia em um mito da colonização da ilha de Rodes, que ele está celebrando nessa ocasião. Os colonizadores que chegaram nesta ilha não possuíam o fogo, e tinham o dever de fundar um espaço sagrado e fazer oferendas sem o fogo no ponto mais alto de sua cidade, ‘Lindos’.

---

<sup>11</sup> “Ἐν δ’ ἀρετὰν ἔβαλεν καὶ χάρματ’ ἀνθρώποισι Προμαθεὺς Αἰδῶς ἐπὶ μὲν βαίνει τι καὶ λάθας ἀτέκμαρτα νέφος, καὶ παρέλκει πραγμάτων ὀρθὰν ὁδὸν ἔξω φρενῶν” Píndaro; *Odes Olímpicas*, VII, vv. 43-47.

Indo em direção ao dito de Píndaro, ele coloca ‘*λαθα*’ (obliteração) em contraposição ao ‘*αἰδώς*’. Heidegger traduz este termo por ‘temor’ e logo em seguida deixa claro que não deve ser entendido como um ‘sentimento’ subjetivo do homem, ou ‘disposição’ vivencial do ente homem. O ‘temor’ cria uma disposição de afinação do homem, ele “sobrevém ao homem como o determinante” (Heidegger, 2008, p. 112).

Além disso, como Píndaro coloca, o ‘*αἰδώς*’ (temor) é pensado em contraposição ao ‘*λαθα*’, ao encobrimento. Logo, o temor de alguma forma determina a *ἀλήθεια* (o desencoberto). Portanto, o temor não é apenas uma disposição afetiva do homem, ou algo semelhante. Essencialmente, o temor é uma disposição determinante da essência do homem que determina a relação do ser com o homem. O *αἰδώς* traz ao homem o desencobrimento dos entes. (Heidegger, 2008)

Voltando-se para o *λαθας*, Píndaro está falando de uma nuvem (*νέφος*). Esta nuvem, ao passar e permanecer em frente ao Sol, ofusca e encobre a claridade deste. A nuvem (que aqui pode ser vista como a obliteração) possui esta característica essencial. Ela, adiciona o Heidegger, encobre tanto o homem quanto as coisas, enquanto um está numa relação com o outro. Este vai ser o encobrimento (*λάθα*) da nuvem. Consequentemente, o aspecto das coisas e o olhar do homem sob estes aspectos, não estarão mais no âmbito do desvelado límpido do Sol. (Heidegger, 2008)

Uma outra característica da nuvem do encobrimento que vale ressaltar e que aponta para a obliteração enquanto esquecimento que ofusca é o auto-encobrimento que esta forma de encobrimento permanece. A nuvem é descrita como ‘*ἀτέκμαρτα*’. Isso significa que a nuvem é desprovida de sinal, sem sinal. Propriamente falando, isso vai significar: “ela não se mostra como ela própria no todo.” (Heidegger, 2008, p. 121). Este tipo de encobrimento se mantém, ele mesmo, no encoberto.

Assim, em resumo, o filósofo diz da *λήθη*:

*Λήθη* é encobrimento e, precisamente, um encobrimento que sobrevém especialmente sobre coisas e homem, sobre a relação recíproca de ambos, e que, de uma certa maneira, desloca tudo do desencobrimento concedido, a tal ponto que o encobrimento, ele mesmo, no desencoberto se subtrai (Heidegger, 2008, p. 124).

Desta forma, Heidegger, a partir de sua segunda referência, a sétima ode olímpica de Píndaro, clarifica ainda mais a essência da λήθη (encobrimento como obliteração). Partindo do mito da colonização da Ilha de Rhodes, ele vai dizer que a obliteração (na imagem de uma nuvem) é um encobrimento que ofusca, que nos subtrai do desencoberto. Não apenas isso, mas, caracteristicamente, a obliteração é dada na relação do homem com as coisas. A obliteração, então, recai sobre esses dois, o homem e as coisas, mas apenas enquanto estão em relação.

É importante lembrar que a λήθη (obliteração) surgiu a partir da insatisfação da forma como estava sendo feita a tradução deste encobrimento por ‘esquecimento’. Como transparece na primeira referência a Hesíodo e nesta última, a obliteração nos lembra e até pode nos remeter a um esquecimento. Porém, não como um mero ‘esquecimento’, mas como algo mais originário. A obliteração é o encobrimento do homem em relação com as coisas, onde o homem é alienado e ofuscado de si mesmo (de seu próprio ser) e das coisas com a qual ele está em relação.

Por último, passando para a terceira referência para um entendimento da λήθη, Heidegger vai analisar o mito final da *Politéia* de Platão. O mito consiste no relato do guerreiro ‘Er’, filho de Armênio, que, ao morrer no campo de batalha, no décimo segundo dia volta à vida e relata sua experiência no ‘lá’.

Ao levantar-se da pira funerária, ele diz que sua alma depois que foi elevada daqui, partiu com vários outros em uma viagem, e que teriam chegado em uma espécie de lugar ‘demoníaco’ (614 b 9 – c 1)<sup>12</sup>. Er, o grande guerreiro, recebeu o trabalho de tornar-se o mensageiro aos homens sobre o ‘lá’<sup>13</sup> (614 d 12). Portanto, era necessário que ele escutasse e, também, visse cada coisa nesse lugar (614 d 3)<sup>14</sup>

Neste relato, o primeiro ponto que o filósofo propõe pensarmos é o ‘demoníaco’. O ‘demoníaco’ é a tradução que Heidegger faz da palavra ‘δαιμόνιον’. Evidentemente, a tradução de ‘δαιμόνιον’ por ‘demoníaco’ mantém a tradução bem próxima da palavra grega. No entanto, pode levar a enganos. A palavra ‘demoníaco’ remete à um contexto cristão, e quer dizer que algo é do demônio, ou de ‘espíritos maus’. Logo, não se deve seguir

---

<sup>12</sup> “ἐπειδὴ οὗ ἐκβῆναι, τὴν ψυχὴν πορεύσθαι μετὰ πολλῶν, καὶ ἀφικνεῖσθαι σφᾶς εἰς τόπον τινὰ δαιμόνιον” (*Rep.* 614b9–1)

<sup>13</sup> “ἄγγελον ἀνθρώποις γενέσθαι τῶν ἐκεῖ” (*Rep.* 614d2)

<sup>14</sup> “[...] ἀκούειν τε καὶ θεᾶσθαι πάντα τὰ ἐν τῷ τόπῳ” (*Rep.* 614d3)

com este sentido da palavra ‘demoníaco’, pelo motivo de os gregos antigos não conhecerem este significado.

Os ‘δαμόνια’, Heidegger vai afirmar, para o homem comum, é aquilo que indica uma grandeza, algo ‘extraordinário’, ‘admirável’. Porém, assim como o caminho do demoníaco como ‘espírito mau’, também não é por este caminho que se deve seguir. Heidegger vai explicar que o ‘δαμόνιον’, o ‘lá’, é o extra-ordinário, não no sentido de algo que está aquém ou além do ordinário, mas sim aquilo que é o mais íntimo do ordinário. Ele vai dizer:

O extra-ordinário não é, portanto, o que jamais tinha estado presente até então; é o que já vem sempre à presença e anteriormente a todo “caráter espetacular”. O extra-ordinário como o ser que brilha em cada coisa ordinária, isto é, nos entes, e que muitas vezes brilha somente como uma sombra de nuvem, que se move silenciosamente, nada tem a ver com algo monstruoso ou barulhento. O extra-ordinário é o simples, o sutil, o inacessível para as garras da vontade, o que se subtrai a todos os artifícios do cálculo, porque ultrapassa todo o planejamento (Heidegger, 2008, p. 148).

Então, explicitado o que é entendido por extra-ordinário do demoníaco, Heidegger passa a se ocupar com o ‘lugar’. O mito está falando de um ‘lugar demoníaco’, então, o que é o ‘lugar’ para os gregos?

O ‘τόπος’ (lugar) não é, de acordo com o alemão, apenas um ponto em meio a outros pontos. A essência do lugar é o de manter em um nexos tudo aquilo que dentro de sua circunferência, faça parte dele. O lugar é uma reunião de diversas coisas em uma co-pertença. Logo, o ‘δαμόνιος τόπος’ é um ‘lugar extra-ordinário’, isto é, “um lugar onde [...] o extra-ordinário brilha explicitamente e a essência do ser vige num sentido eminente.” (Heidegger, 2008, p. 170).

No mito contado por Sócrates, o ‘δαμόνιος τόπος’ (lugar demoníaco) é uma localidade que não está nem na terra e nem no céu. Neste lugar da vigência do extra-ordinário, passam tanto os ‘subterrâneos’ quanto os ‘sobretterrâneos’ para que, após sua passagem, possam voltar para uma nova vida mortal no mundo. (Heidegger, 2008)

Dentro dessa localidade extraordinária, existe um último lugar que, após sua passagem, imediatamente começa uma nova vida. Este último lugar é chamado de ‘τὸ τῆς Ἀλήθειας πεδίων’, “o campo do encobrimento que se retrai” (Heidegger, 2008, p. 170). Este

campo do encobrimento possui o sentido de esquecimento e é nele que, por possuir este sentido, toda memória da viagem é deixada.

O guerreiro Er relata que quando se passa por este campo da λήθη, sente-se a sensação de um calor que tudo queima e de um vento que tudo sufoca. Pela tradução de Heidegger fica (621 a 3s): “Este campo do encobrimento em retração é, em si mesmo, ermo de vegetação, bem como vazio de tudo que (a) terra faz brotar.”<sup>15</sup> (2008, p. 171) Ou seja, pelo que diz o Er, o campo deste encobrimento que oblitera é contra toda ‘φύσις’, contra todo surgir e brotar. A essência da λήθη aparece como contrária à da φύσις (surgir de si mesmo, brotar). (Heidegger, 2008)

O filósofo deixa claro que ‘φύσις’ enquanto âmbito essencialmente contrário à λήθη, deve ser entendida não pela interpretação corrente que chegou hoje como ‘natureza’, mas sim como um ‘puro surgir’, ‘puro brotar de si mesmo’. Se ‘φύσις’ for entendida por ‘natureza’ e a λήθη como ‘esquecer’, esse âmbito essencialmente contrário não se revelará. Porém, se é visto pelo modo essencialmente grego, aparece claro que o âmbito do encobrimento que oblitera e se retrai é contrário e não deixa que apareça nenhum surgir. Desta forma, como ficou claro na explicação de Heidegger, o encobrimento é contra todo desencobrir dos entes. Por ele bloquear, ele permanece em um vazio, ele vige no encobrimento da λήθη. Porém, é um vazio do ordinário, de todo e qualquer ente. Nesse lugar demoníaco vige com mais clareza e brilho o extra-ordinário. (Heidegger, 2008)

Nesse ‘campo da λήθη’ que está localizado no lugar demoníaco, a única coisa que se encontra é um rio. Er explica que desse rio (621 a 6s) “uma certa medida, porém, desta água todos têm necessidade de beber”<sup>16</sup> (Heidegger, 2008, p. 173) Assim sendo, todos os homens antes de voltarem à vida, beberam e deverão beber desse rio. O homem, por causa dele, possui em sua vigência essencial o encobrimento e retraimento do ente. Sendo essencial essa relação do homem com o encobrimento, e só a partir desta relação essencial que pode surgir o desencobrimento deste ente para permanecer como tal. Como foi dito anteriormente, o encobrimento e o desencobrimento são essencialmente ligados por uma co-pertença na experiencia grega. Um apenas pode se dar a partir do outro. (Heidegger, 2008)

---

<sup>15</sup> “καὶ γὰρ εἶναι αὐτὸ (τὸ τῆς λήθης πεδίων) κενὸν δένδρων τε καὶ ὅσα γῆ φύει” (Rep. 621a3s)

<sup>16</sup> “μέτρον μὲν οὖν τι τοῦ ὕδατος πᾶσιν ἀναγκαῖον εἶναι πιεῖν” (Rep. 621a6s)

Portanto, por último, Heidegger fazendo referência ao mito do livro XX da *República*, tenta esclarecer ainda mais uma compreensão grega da λήθη, do encobrimento que oblitera e retrai em um sentido de esquecimento. Contando o mito do guerreiro Er que, morto em batalha, volta à vida como mensageiro aos homens sobre o lá, Heidegger investiga primeiramente o ‘δαιμόνιος τόπος’. Este consiste no ‘lugar demoníaco’. Um lugar de vigência exclusiva do ‘extra-ordinário’. Ou seja, vigência de tudo aquilo que é mais íntimo e essencial ao ordinário, ao contrário do que se imagina normalmente como: ‘grandeza’, ‘magnificência’. Na última localidade do demoníaco, se encontra o foco principal de Heidegger: o campo da λήθη. Este campo consiste em um lugar onde é impossibilitado todo o surgir (φύσις), ou seja, todo desencobrir de si mesmo. Neste campo da λήθη só tem um rio. Esse rio é o final da viagem dos viajantes, pois todos que passam por ele para chegar à uma nova vida, devem beber de uma quantidade comedida de suas águas. Desta forma, o encobrimento se torna parte essencial do homem. Ele está intrinsecamente ligado à terra e ao meio dos entes por causa desta condição de encobrimento que reina, em uma dada medida, em seu interior.

Desta forma, Heidegger passa pelas três referências e indicações da ‘λήθη’. A primeira foi com Hesíodo. A partir da análise da *Teogonia*, o Heidegger chega à definição da λήθη como um encobrimento que retrai, aliena e oblitera o homem de si mesmo em suas possibilidades de ser.

Depois de Hesíodo, o filósofo analisa a partir de Píndaro, na sua sétima Ode Olímpica. Neste contexto, o encobrimento como obliteração aparece na figura de uma nuvem. A nuvem ao estacionar em frente ao Sol, priva o homem e as coisas que estão em sua sombra da luz do Sol que ‘desencobre’. Aqui fica claro a partir da imagem da nuvem o que a λήθη (o encoberto) se constitui. Ela ofusca, encobre, retrai (as indicações em Hesíodo, Píndaro e Platão se repetiram com apenas pequenas mudanças, pois essas três referências para o entendimento da λήθη se complementam) obliterando o homem que está em uma relação com alguma coisa, sendo ele alienado de tal coisa.

E por último, em Platão, no livro XX da *República*, a partir do mito de Er e do lugar demoníaco, Heidegger chega ao entendimento da λήθη como: bloqueio de todo surgir (φύσις), possuidor de sentido de esquecimento (isso não é apenas aqui em Platão, mas também nas últimas duas referências) constituidor essencial do homem, que, sendo este

obrigado a beber do ‘esquecimento’ para começar a vida, traz a condição possibilitante para o desencoberto (ἀλήθεια). O encoberto e o desencoberto estão sempre em uma co-pertença.

## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Em conclusão, partindo do objetivo de tentar expor, primeiramente, as três indicações acerca da ἀλήθεια para uma compreensão prévia desta, e, depois, a tentativa de uma ‘leitura’ da primeira parte do livro *Parmênides* de Martin Heidegger, o qual explana as diversas formas de desencobrimento e encobrimento durante a história ocidental, este artigo seguiu a argumentação heideggeriana em suas principais partes e conceitos fundamentais para a análise que Heidegger propunha para a compreensão prévia da ἀλήθεια (o desencoberto), de suas diversas formas, e do encoberto.

Com o primeiro objetivo de expor as três indicações de Heidegger acerca da verdade, na primeira parte foi desenvolvido este objetivo. A conclusão da análise da compreensão heideggeriana sobre o ‘desencobrimento’ (tradução indicada para a ‘ἀλήθεια’) é dada a partir de três indicações que a palavra nos remete. Primeiramente, que o *des-encobrimento* está em uma relação essencial com o encobrimento; secundamente, que o *des-encobrimento* indica o bloqueio e a superação do encobrimento; e por último, sendo basicamente uma síntese das duas últimas, o *desencobrimento* é dado apenas a partir do encobrimento e está em relações opostas a ele.

Tendo como segundo objetivo - e o central deste artigo - o de, partindo da análise da primeira parte do livro de Heidegger, explicitar as diversas formas de desencobrimento e encobrimento na história antiga e medieval do ocidente, cunhamos, seguindo o filósofo, dentro da experiência grega no âmbito do desencobrimento a: ἀλήθεια (desencoberto/verdade), ἄ-ψεῦδές (não-falso/verdade), ὁδός (caminho reto que segue em direção ao desencoberto), οὐρανός (o ‘céu’ que, estando dentro do âmbito cotidiano dos gregos, aparece como o que desencobre), μῦθος (a fala primordial que desencobre o essencial apresentando-o como é), αἰδώς (o temor) e a φύσις (o nascer/ surgir de si mesmo/ irromper de si mesmo). Por outro lado, no âmbito do encobrimento dentro da experiência grega, cunhamos: ψεῦδος (o falso que encobre distorcendo), λανθάνειν (o estar oculto do

homem como encoberto), ἐπιλανθάνομαι (o encobrimento que vela o homem de si mesmo na forma do esquecimento), ἔρυμα (encobrimento), ἀπάτη (o caminho lateral das aparências que encobre), κεύτω e κρύπτω e καλύπτω (velo, escondo), morte (o encobrimento do homem), νύξ (a ‘noite’ como encobrimento) e a λήθη (o encobrimento na forma da obliteração e do retraimento do homem estando em relação à algo essencial que se retrai do homem na forma do esquecimento do essencial).

Tais são as formas gregas do âmbito do encoberto e desencoberto mencionadas na parte I do texto do Heidegger e que aparecem neste artigo. É importante, a partir destas, ressaltar a conclusão que Heidegger afirma durante a análise: tanto o encoberto e o desencoberto em suas diversas formas, sendo um com o outro, sempre estão em uma co-pertença no mais ordinário e cotidiano do mundo grego. Os gregos viviam dentro deste âmbito originário da realidade dado pelo encoberto e desencoberto juntos.

Avançando historicamente, o desencobrimento e o encobrimento não aparecem no âmbito originário dos latinos-romanos. Vimos que, como Heidegger explica, com a dominação romana sobre os gregos, eles se apropriaram e foram influenciados por diversas formas da experiência grega. Porém, nenhuma delas foram interpretadas da mesma forma grega. Elas foram compreendidas dentro do âmbito originário da experiência romana: o ‘Imperial’, ou seja, do ‘comando’. Desta forma, o encobrimento e o desencobrimento não aparecem dentro do contexto latino-romano, e, por causa dessa ruptura, o esquecimento deste âmbito da experiência grega foi esquecida pela posterioridade.

No âmbito da experiência romano-latino (o Imperial), as duas formas que apareceram neste artigo foram o âmbito do *falsum* (falso) e o *verum* (verdade). O *falsum* dentro da experiência do Imperial (comando), vai ter o sentido de ‘enganar de modo perverso’. O filósofo explica que a experiência romana era baseada no ‘Imperial’, no ‘comando’. Este possuía um ‘ser-superior’ que exercia o comando. Dentro deste mundo de significações, o *falsum*, que possui um sentido literal de ‘derrubar’, ‘cair’, vai significar o ‘enganar’. Dentro deste modo do Imperial, o *falsum* vai ser um modo de derrubar os ‘seres-inferiores’ em um contexto de eles quererem se elevar ao nível do ser-superior. Por outro lado, o *verum*, como âmbito oposto ao do *falsum*, significa o mesmo que ‘se manter em pé’, ‘estar na disposição’ e ‘ser a cabeça’.



Outra conclusão que Heidegger afirma, é sobre a mudança de caráter que a verdade sofre durante a dominação latina-romana em relação a ἀλήθεια (neste sentido, a verdade) grega. Em Aristóteles, foi cunhado o conceito de ἀληθεύειν. Este conceito significa ‘o modo revelador do homem em concordância com o descoberto’. Ou seja, o agir revelador do homem é o de atenção e concordância com aquilo descoberto. Com a dominação romana e a sobreposição da visão do *verum*, esse ‘ἀληθεύειν’ se transformou em um ‘*veritas est adequatio*’, ‘a verdade é adequação’, ‘assimilação’. Esse conceito de verdade se torna a partir daí, o conceito base de ‘verdade’ dentro da história da filosofia ocidental.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA, Amir. *A crítica heideggeriana à metafísica*. *Eleuthería* - Revista do Curso de Filosofia da UFMS, v. 2, n. 2, 2017. p. 08-23. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/4022>. Acesso em: 16 out. 2023.
- ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- HESÍODO. *Teogonia*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- HOMERO. *Odisseia*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LEITE, Thiago Soares. *Tomás de Aquino e o conceito de adaequatio*. Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE), PUCRS. p. 82. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- PARMÊNIDES. *Da natureza*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- RECHE, Ángel. Píndaro; Olímpica VII. *Antología de textos griegos*, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://antologiatextosgreco.wordpress.com/2021/01/16/pindaro-olimpica-vii/>. Acesso em: 16 out. 2023.

